

## A ESCATOLOGIA EM RUBEM FONSECA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO CONTO COPROMANCIA

Guilherme Frederico de Moura (UFRJ)  
[guilherme-de-moura@hotmail.com](mailto:guilherme-de-moura@hotmail.com)

### RESUMO

Entre *éschatos* e *skatos*, este ensaio acompanha Rubem Fonseca em suas viagens pela manipulação da *palavra*, escavando nela os significados mais recônditos e plurais que um autor tão feroz é capaz de alcançar. Remontando às origens do termo escatologia, sob a ótica de Alfredo Bosi (1977) – com a nomenclatura brutalista – estudamos como um narrador-personagem anônimo se relaciona com uma mulher chamada Anita e como ele maneja a arte (?) da copromancia – nome que batiza o texto a ser analisado – administrando (ou não) as consequências trazidas a cabo por essa arte. Trata-se do conto de abertura do volume *Secreções, Excreções e Desatinos*, de 2001.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Copromancia. Escatologia. Rubem Fonseca.

### RÉSUMÉ

Entre *éschatos* et *skatos*, cet essai suit Rubem Fonseca en ses voyages à travers la manipulation de la *parole*, en creusant *dans* la parole les significations les plus profondes et plurielles qu'un auteur tellement féroce est capable d'atteindre. En remontant aux origines du terme eschatologie, à l'optique d'Alfredo Bosi (1977) – avec la nomenclature brutaliste – nous étudions comment un narrateur-personnage anonyme se lie à une femme qui s'appelle Anita et comment il gère l'art (?) de la “copromancia” – nom qui baptise le texte analysé – en administrant (ou non) les conséquences causées par cet art. Il s'agit du conte d'ouverture du volume *Secreções, Excreções e Desatinos*, de 2011.

**Mots-clés:** Littérature Brésilienne. Copromancie. Eschatologie. Rubem Fonseca.

### 1. *A escrita de Rubem Fonseca: o inusitado e a copromancia*

Insólito, excêntrico, inusual, inabitual e inusitado, José Rubem Fonseca e sua escrita podem ser assim definidos, pela pegada agressiva, suja e sangrenta impressa em seus textos. Devido à pouca recorrência de seu estilo e temas – em geral, violência e a realidade de um submundo cruel – o impacto que suas páginas causam a olhos desprevenidos é marcante.

Para quem está esperando descrições magnificamente belas de mulheres e paisagens e cenas de ternura e amor, José Rubem Fonseca é um ultraje, ainda que também as contenha!...

Ainda que parte da produção de José Rubem Fonseca seja de caráter policial – tanto que figuram inúmeras vezes nos volumes do autor o advogado Mandrake e o tira Guedes, por exemplo – e contenha certa dose de romance – como no conto “Madona”, do livro *A Coleira do Cão* – o que predomina nas narrativas fONSEQUIANAS são o sangue e a brutalidade. Mesmo quando José Rubem Fonseca lança mão de personagens policiais (detetives, agentes, peritos etc.), sua intenção é reportar o *underground* característico de sua obra: seu objetivo é fazer uma releitura desse gênero policial, que se popularizou principalmente com Edgar Allan Poe e *sir* Arthur Conan Doyle. Assim, em José Rubem Fonseca, os investigadores (legal ou ilegalmente falando), como Paulo Mandrake, não dispõem de uma mente brilhante que lhes permite realizar raciocínios lógico-dedutivos brilhantes, como o faz Sherlock Holmes, em Doyle, mas tem características talvez mais próximas do bandido do que do mocinho. Edu Teruki Otsuka se utiliza de uma convenção e divide esse tipo de literatura em *roman noir* e romance policial clássico, sintetizando bem o modo como José Rubem Fonseca explora a fronteira entre esses dois gêneros (sempre com vistas a um submundo sujo), com uma leve inclinação para o lado *noir* da força:

[...], pode-se dizer que no primeiro tipo [policial clássico] o criminoso se eleva intelectualmente, aproximando-se do detetive, posto que a ação consiste no confronto abstrato de duas inteligências superiores, enquanto no segundo [*noir*] o detetive é por assim dizer rebaixado, aproximando-se do criminoso em sua postura e seus métodos, além da linguagem coloquial e não raro brutal com que se expressa. Essas mudanças, verificadas na passagem do policial clássico para o moderno, envolvem também transformações formais: com a diminuição da distância entre o leitor e o detetive, que deixa de ser um gênio superior que possui inteligência analítica privilegiada e se torne ‘um de nós’, desaparece o narrador-testemunha (celebrado na figura do Dr. Watson), cujo papel de personagem intermediário deixa de ser funcional. (OTSUKA, 2001, p. 61)

Surgido nos anos 60-70, um círculo de escritores interessados em transformar a estética literária vigente passou a incorporar em seus trabalhos um modo distinto do tradicional até então. Como afirma Edu Teruki Otsuka, esse anseio por inovação se expressou de modo mais “visível na tendência à experimentação, quando a narrativa passou a incorporar outras linguagens, especialmente associadas à indústria da cultura” (OTSUKA, 2001, p. 57), tal qual o jornal, o cinema, a televisão, a propaganda e os gêneros narrativos da cultura de massa. Desse modo, José Rubem Fonseca, brutalista – como define Alfredo Bosi – faz parte desse restrito grupo de literatos, em sua maioria jovens (grupo esse que é complementado por Dalton Trevisan, João Antônio, entre outros), que escancara, cru e cruelmente, em suas obras a profunda realidade da natureza humana, e que

escreve de maneira ágil, impura e por vezes obscena, através de movimentos compulsivos.

José Rubem Fonseca expõe as relações interesseiras e perigosas que as personagens, representando as pessoas reais, estabelecem. Suas histórias são recheadas de erotismo e violência por vezes gratuita; dramaticamente adicionados a esses dois ingredientes, as características mais recônditas do ser humano são descobertas sem a menor cerimônia. Uma de suas obras mais famosas, *Feliz Ano Novo*, foi censurada pela ditadura militar brasileira, por supostamente violar o código moral da nação e os preceitos de bons costumes vigentes naquele período, o que nos permite conceber ideias a respeito do conteúdo que José Rubem Fonseca imprime em seus textos.

Seu passado profissional sortido é importante para entendermos o que permite a esse fenomenal escritor redigir textos tão precisos e cheios de detalhes sobre os mais diversos temas relacionados ao mundo desprovido de compaixão de que falamos: José Rubem Fonseca desempenhou profissões como motoboy, comissário de polícia e advogado, além de ter estudado medicina legal. Através de suas frases ásperas e sua linguagem coloquial, quase que oral, o narrador retrata cenas selvagens com uma naturalidade desoladoramente surpreendente – como o seminarista, que simplesmente assassina um papai noel: “Ô! Ô! Ô!”; ele fez. ‘Dei um tiro na sua cabeça. Sempre dou um tiro na cabeça’”. (FONSECA, 2009, p. 8)

Suas personagens são tão inusitadas quanto sua linguagem: um advogado chamado Mandrake quase desprovido de dignidade que várias vezes aparece em suas histórias; ou um pai de família que chega do trabalho e só descansa após perpetrar sua ronda diária e atropelar pessoas, sem nenhum critério pra escolher suas vítimas; ou um escritor chamado Gustavo Flávio que se envolve em uma história com bandidos que o castram, simplesmente arrancando seus testículos; ou então um homem que sente atração sexual por axilas... Enfim, inúmeros temas e personagens que constam em seus mais de 20 livros (entre romances e contos). O que impressiona é o modo pelo qual José Rubem Fonseca nos dá a impressão de que a folha de papel foi esfolada pela máquina de escrever, que a máquina dá porradas na folha até que ela se renda e sangre, característica essa que parece ser alimentada pelas histórias.

Inclusive, sua obra já foi questionada por conta de falas preconceituosas (machistas, racistas, homofóbicas) proferidas por suas personagens, como o narrador do conto “A força humana” – a primeira história do

volume *A Coleira do Cão* – que se refere ao personagem Waterloo como crioulo, exemplo que se soma a muitas outras ofensas como *bicha*, *viado* etc. No entanto, em defesa do autor, pode-se argumentar que tais opiniões se limitam ao universo literário, ficcional, sem que o próprio autor expresse suas visões e opiniões através de suas criações: as falas são empregadas para representar com mais poder o que o autor compreende como o cosmos que tenta retratar.

Assim, já que a natureza humana – observada desde o mais interno impulso – e suas mazelas são a matéria bruta a partir da qual nosso brutalista esculpe seus contos e romances, como deixar de fora algo que literalmente vem de dentro de nós? Já que os assuntos inusitados e insólitos são tão caros à estética fonsequiana, temas como a morte, estupro, armas e ilegalidades não são esquecidos. E nem as fezes.

Nem mesmo o excremento humano mais repulsivo deixa de ser tocado por José Rubem Fonseca. Secreções e excreções são tratadas com naturalidade, inevitavelmente extraindo-se desse conteúdo inesperado e tão pessoal um humor reflexivo. Afinal, como tratar naturalmente de um tema tão velado se não for aí incluída uma pitada de humor?

## 2. *Copromancia*

Sabemos que o odor das fezes é produzido por um composto orgânico de indol, igualmente encontrado no óleo de jasmim e no almíscar, e de escatol, que associa ainda mais o termo escatologia às fezes e à obscenidade. (Não confundir com outra palavra, homógrafa em nossa língua, mas de diferente etimologia grega, um *skatos*, excremento, a outra é *éschatos*, final, esta segunda escatologia possuindo uma acepção teológica que significa juízo final, morte, ressurreição, a doutrina do destino último do ser humano e do mundo.) (FONSECA, 2001, p. 9)

Parafraseando Edgar Allan Poe, um bom conto, isto é, uma *short-story* poderosa é aquela que captura um evento e expressa de uma forma concentrada (no sentido da potência) o caso em questão. É precisamente essa potência que José Rubem Fonseca, através de seu talento para criar situações insólitas, desenvolve em “Copromancia”.

A morte é uma merda e a copromancia é a arte de prevê-la. Trata-se de um conto que narra a história de um sujeito em quem brota, aparentemente por nenhum motivo, um súbito e voraz interesse por fezes. Um

escritor que ignora o motivo pelo qual começou a se intrigar com o excremento fecal (mais conhecido como cocô, ou merda) produzido por nosso sistema digestivo, mas que, progressivamente, vai mergulhando no assunto e se aprofundando nele.

É esse escritor que vai se mostrar, no conto, essencial para o desenvolvimento do texto, já que ele é o narrador e o protagonista da história. É sob sua ótica que todos os acontecimentos se dão. E é sob sua ótica que ele narra, com algumas peculiaridades que merecem destaque, seu destino. A narração transcorre numa ordem determinada pela rememoração dos fatos e pelo narrador-protagonista, que munícia, na narrativa, a ordem em que os acontecimentos se sucedem – expondo-nos aos eventos – e narra os conflitos que o personagem vivencia na espera da consumação de sua sorte.

O autor anônimo, nas primeiras linhas do conto, como qualquer pessoa que siga o padrão esperado para seres humanos, sente repugnância pela ideia de se aproximar de um material e de um assunto tão repulsivo como as fezes. E em um movimento característico de seu pensamento irônico – pensamento esse que, ironicamente, mistura em um mesmo saco dois elementos de natureza tão dissonante, isto é, Deus e merda – ele destaca o fato de estar observando suas fezes enquanto pensava em Deus e no motivo pelo qual Ele, em toda a sua magnificência, criou o ser humano tão perfeito e o destinou a defecar.

Subitamente, passa a tolerar a ideia. E aqui se inicia sua obsessão bizarra por nosso (genericamente, talvez) bolo fecal e continua seu discurso de certa maneira cômico, porque, com toda a solenidade com a qual se pode tratar uma questão tão insólita, discursa com bastante especificidade sobre o processo de formação da matéria fecal no corpo humano.

[...] a estrutura das fezes costuma ser fragmentária e multifacetada. Adquirem seu aspecto quando, devido a contrações rítmicas involuntárias dos músculos dos intestinos, o bolo alimentar passa do intestino delgado para o intestino grosso. Vários outros fatores também influem, como o tipo de alimentação ingerido. (FONSECA, 2001, p. 8)

A partir daí, seu fascínio pelo cocô só aumenta. Um dia, nosso narrador decide comprar uma polaroid para registrar seu excremento com a maior precisão e a melhor qualidade possíveis; e, depois de registradas, guarda as fotos em um álbum. Passou a reconhecer formas, a anotar pesos (já que também comprou uma balança de precisão) e medidas e mesmo a observar com que frequência seus intestinos trabalhavam. Descreve com

impressionante acurácia o odor do bolo fecal, a espessura e chega a se comparar a um enólogo descrevendo a fragrância de um vinho. E volta a manifestar seu lado inusitado, e, de certa forma esquisito, porque parece tratar o leitor com certa dose de despeito. |firma, como já foi dito, “sabemos que o odor das fezes é produzido por um composto orgânico de indol, igualmente encontrado no óleo de jasmim e no almíscar, e de escatol, que associa ainda mais o termo escatologia às fezes e à obscenidade” (FONSECA, 2001, p. 9). (Guardemos o termo “escatol” na memória, pois ele será fundamental). Sabemos? Será que qualquer leitor conhece esse fato? Pura ironia no trato conosco.

No parágrafo seguinte, o escritor dá prosseguimento ao seu monólogo, mergulhando de cabeça em sua fixação, trazendo com impressionante precisão o peso de suas fezes em um período de vinte e quatro horas: entre duzentos e oitenta e trezentos gramas de matéria fecal. E se no parágrafo anterior restou alguma dúvida quanto a seu despeito por nós, agora ele trata de extirpar qualquer imprecisão. Ele nos *sacanea*:

Todos sabem, mas não custa repetir, que fezes consistem em produtos alimentares não-digeridos ou indigeríveis, mucos, celulosos, sucos (bilíares, pancreáticos e de outras glândulas digestivas), enzimas, leucócitos, células epiteliais, fragmentos celulares das paredes intestinais, sais minerais, água e um número grande de bactérias, além de outras substâncias. (FONSECA, 2001, p. 10)

Como assim, *todos sabem*? Será que essas informações fazem parte do conhecimento que todo e qualquer cidadão aciona todos os dias em suas vidas? É praticamente um insulto. É como uma declaração de arrogância, como pode ser entendida também uma fala do início do conto: “Sim, sei que Freud afirmou que o excrementício está íntima e inseparavelmente ligado ao sexual, a posição da genitália – *inter urinas et faeces* – é um fator decisivo e imutável.” (FONSECA, 2001, p. 7) É como se, para o escritor, todos fossem tão cultos quanto ele, como se qualquer pessoa soubesse latim, pudesse citar Immanuel Kant de cor e tivesse plena ciência de informações de cunho tão erudito como essas. Erudito, aliás, é uma palavra que pode definir o narrador desse conto.

Agora, a narrativa ruma para um caminho diferente. Ruma para a descoberta que dá sustentação ao conto.

Nosso narrador, é importante explicar, era um cético quanto às *artes da adivinhação*. E, para apoiar um ensaio que intitulou *Artes Adivinatorias*, ele se dispôs a entrevistar diversos profissionais dessa área: indivíduos que baseavam sua presciência em cartas de baralho, linhas de mão,

rugas da testa, fumaça, folhas de árvore, entre outras coisas,

Nosso escritor topou com um velho m agro e sinistro que praticava a arte da haruspicação, o que atraiu a curiosidade do autor. Queria saber que tipo de embuste era aquele. O velho, depois de ter encontrado nosso narrador e entrado na sua casa, iniciou um ritual macabro: entrou no cercado de cabritos que possuía, agarrou um dos animais e levou para um círculo de cimento num dos cantos do quintal. Então, apareceu em suas mãos um facão. Com alguns golpes cortou a cabeça do cabrito. Em seguida, usando a afiada lâmina que tinha em suas mãos, abriu um corte largo no corpo do cabrito, deixando as entranhas do bicho à mostra. É aí acontece o evento que justifica o conto. O velho, observando as vísceras expostas do animal morto, pressagia: “a verdade é esta, uma pessoa muito próxima a você está prestes a morrer, veja, está escrito aqui. [...]. Vejo o número oito” (FONSECA, 2001, p. 11, 12, 13). Oito dias depois, a mãe do escritor morreu.

Depois desse dia, após muito sofrer com a morte da mãe, nosso autor começa a se aplicar a desenvolver seus “poderes espirituais”, ou seja, prenunciar o futuro lendo o que suas fezes lhe diziam. Conseguiu prever a morte de um governante, o desabamento de um prédio de apartamentos e uma guerra étnica, sem comentar nada a respeito disso com ninguém.

Seguindo sua obsessão fecal, o escritor nota que, no apartamento vizinho, o ritmo das descargas se alterou. Isso significava um novo vizinho, ou uma nova vizinha, Anita.

Anita, um dia, estava presa do lado de fora de seu apartamento por estar sem as chaves. Nosso escritor se depara com a cena e se disponibiliza a ajudar. Anita aceita e o autor entra pela janela, e depois abre a porta por dentro. Depois desse dia, eles se aproximaram até a uma relação amorosa e sexual, foi questão de tempo. Assim como o pedido feito pelo nosso autor. Sim, ele solicitou a Anita que ela permitisse a ele olhar suas fezes. (Afinal, que outro pedido poderíamos imaginar?) Ela, inicialmente, nega. Mas, por uma infelicidade (será mesmo?), ela encontra o álbum e questiona seu companheiro quanto à procedência daquele compêndio. Ele, exasperado, corre para retirar o álbum das mãos da namorada, que, prevenida, já havia lido o volume. Já aceitando o fato, ele explica a ela do que se tratava; e ela, para nossa surpresa (e do nosso escritor) acha interessante. Eles, então, dão início a uma rotina de análises fecais; mas somente da matéria fecal dele, não dela.

Um dia, enfim, Anita convoca seu companheiro a ver suas fezes. O autor nos confessa ter ficado emocionado com esse evento e sentir um fortalecimento no amor do casal. Um dia, na residência do nosso narrador, Anita defecou.

Anita defecou desenhos majestosos para nosso autor: peças e formas de báculos e bengalas, simetricamente dispostas, lado a lado. Instigantes para uma mente tão incomum. Mas... um dos bastonetes estava todo retorcido. Formou-se o número oito, o fatídico número oito. O 8 igual ao que ele tinha visto nas entranhas do cabrito morto pelo velho sinistro. Ele era a pessoa mais próxima de Anita. Nosso querido escritor estava programado para morrer.

Ele tinha que correr. Precisava passar os métodos confidenciais da copromancia para sua amada. E nem nessas circunstâncias, circunstâncias de morte iminente, ele nega sua personalidade irônico-altiva.

[...]queria passar para ela os segredos da copromancia, palavras inexistentes em todos os dicionários e que eu compusera com óbvios elementos gregos. Somente eu, criador solitário do seu código e da sua hermenêutica, possuía, no mundo, esse dom divinatório. (FONSECA, 2001, p. 18)

Obviamente elementos gregos? É impossível não dar boas gargalhadas ao ler essas palavras. Trata-se claramente de uma piada por parte do narrador para com os leitores que não conhecem a língua grega intimamente. A maioria das pessoas ignora o fato de que *kopros* significa fezes, excremento; e *mancia*, algo como previsão, adivinhação. Para completar, ele ainda se intitula o criador da palavra, o que sela o pacote erudito de sua arrogância.

Abandonando esse resumo da história inusitada do escritor anônimo, mas permanecendo na seara da língua grega, há ainda uma outra palavra grega que, sutil e propositalmente, é posta pelo autor do texto – não o autor narrador de quem vimos falando, mas o autor genial que conhecemos como José Rubem Fonseca – em uma parte intermediária do texto, longe do ápice da história. A palavra em questão vem como que em um adendo, entre parênteses, como que somente para não passar em branco. E, no entanto, essa palavra com duplo sentido – e é isso o que os parênteses vêm esclarecer – é a pedra de esquina do texto; é o elo que liga a merda à morte. A morte é uma merda.

A citação que inicia o presente texto contém a chave para compreender o conto. Como se fosse completamente comum para nós, leitores em geral, conhecer raízes gregas, José Rubem Fonseca joga a semente quase

que ocultando seu ato, pondo-a como uma simples informação adicional, aparentemente sem importância, “somente para ficar registrado”. A ambiguidade em questão, que se mostra o pilar que sustenta o texto e – novamente – o elo que liga as duas extremidades do texto é a palavra *escatologia*.

Na língua portuguesa, esse vocábulo é homônimo: designa tanto uma doutrina teológica que se ocupa do juízo final, ressurreição, o último destino do ser humano e do mundo, enfim, a morte, quanto o a área científica que trata dos excrementos. O que justifica essa homonímia é a origem etimológica parecida da palavra: *skatos* e *éskatos*. E é justamente aí que reside a genialidade desse conto: a sagacidade de conectar esse duplo significado através da leitura das fezes.

Afinal, quando foi que nosso querido escritor encontrou a morte? Foi quando o *skatos* encontrou o *éskatos*. Quando essa fusão se concretizou, nosso escritor se despediu da vida. Tudo começou quando ele misturou seu fascínio por cocô, com a previsão da vida. O encontro com o velho sinistro foi uma parte do elo, foi o forno que aqueceu o aço para que este pudesse ser moldado em forma de elo. Através das entranhas (vísceras, intestinos) do animal – por onde passa o bolo fecal antes de ser expelido (?), o que dá a forma das fezes (?) – nosso escritor recebeu sua primeira maldição: a morte da mãe. Assim como sua segunda e última advertência (advertência essa que anunciou sua própria morte), que também teve origem em um bolo fecal.

Sua obsessão o matou. Sua resolução. Assim como Édipo, já que Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) foi citado. Nosso personagem morreu por conta de sua curiosidade; Édipo cegou a si mesmo pelo mesmo motivo. Nosso personagem foi morto pela pulsão sexual: o prenúncio de sua morte é oriundo de sua companheira, com quem teve relações sexuais. Pulsão sexual, pulsão de morte. Sexo e morte. O orgasmo como uma *pequena morte*. Tudo no mesmo pacote freudiano. Afinal de contas, o que é que nosso próprio autor afirma saber com tanta altivez? Que o excrementício está íntima e inseparavelmente ligado ao sexual, a posição da genitália, uma proposição de Sigmund Schlomo Freud. O excrementício está ligado ao sexual, que proporcionou a relação com Anita, cujo excrementício anunciou seu perecimento. Um ciclo (?). Um círculo vicioso (?).

E por falar em ciclos viciosos: o que significa o oito? Por que oito dias exatamente? Por que não sete, ou seis, ou 10? Talvez seja o símbolo do infinito. O símbolo do círculo fechado. Um passando a maldição da

previsão para outro, indefinidamente. O velho para o escritor; o escritor para Anita. Talvez a pressa do nosso autor em passar para Anita os segredos da copromancia seja justificada assim. Quem sabe? São só interpretações...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FONSECA, Rubem. *Contos reunidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *O seminarista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

\_\_\_\_\_. *Secreções, excreções e desatinos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

OTSUKA, Edu Teruki. *Marcas da catástrofe: experiência urbana e indústria cultural em Rubem Fonseca, João Gilberto Noll e Chico Buarque*. São Paulo: Nankin, 2001.